

Corrêa, Rafaella. **NAS ENTRELINHAS DO PERTENCIDO CORPO AO QUAL PERTENÇO**. Belém: Universidade Federal do Pará. Mestranda no Programa de Pós Graduação em Artes -PPGARTES – UFPA; Sapucay, Ana Flávia. Artista-Pesquisadora do grupo Coreoepistemologia Pesquisa em Poéticas da Cena.

RESUMO

No presente texto busco entender e dialogar com as diferenças humanas para refletir acerca da relação que a dança possui com o corpo que a produz. Para tanto, lanço mão do conceito de “alteridade” na Antropologia (DAOLIO, 1995), entendendo-a não como algo que nos qualifica ou desqualifica, mas que nos torna ainda mais humanos. Assim, busco reafirmar as relações que estabeleço entre o corpo e sua poética na cena da dança por meio de autores como Klauss Vianna (2005), Morgana Cunha (1988), Jocimar Daolio (1995), entre outros que estudam o corpo e sua ligação com a dança, para propor uma abordagem inspirada na “dança criativa” (CUNHA, 1988), entendendo que o corpo apresenta marcas, histórias, formas únicas e todas essas características nos definem como pessoa, definem o que somos, nos diferenciam e também definem o modo como nos movimentamos, a expressão do corpo em cena e, portanto, a maneira como dançamos.

Palavras-chaves: Corpo. Dança. Dança criativa. Corpos diferentes. Poética.

ABSTRACT

In this text I seek to understand and dialogue with human differences to reflect on the relationship that dance has with the body that produces it. For this, I use the concept of "otherness" in Anthropology (DAOLIO, 1995), understanding it not as something that qualifies or disqualifies us, but which makes us even more human. Thus, I seek to reaffirm the relationships that I establish between the body and its poetics in the dance scene through authors such as Klauss Vianna (2005), Morgana Cunha (1988), Jocimar Daolio (1995), among others who study the body and its connection with dance, to propose an approach inspired by the "creative dance" (CUNHA, 1988), understanding that the body presents brands, stories, unique forms and all these characteristics define us as a person, define who we are, differentiate us and also define the way we move, the expression of the body on the scene and, therefore, the way we dance.

Keywords: Body. Dance. Creative dance. Different bodies. Poetic.

O enfoque em questão se deu em partes devido a dissertação do programa de mestrado em Artes na Universidade Estadual do Pará (UFPA), onde me proponho mergulhar nessa perspectiva da diferença dos corpos, entendendo que as diferenças não são limitadoras, mas podem proporcionar novas produções artísticas, desde que estes corpos diferentes sejam valorizados em suas particularidades e exaltado nas suas possibilidades.

Minha formação artística na área da dança, mais especificamente no ballet clássico, sempre foram limitadoras quanto ao perfil ideal para se tornar bailarina, ao corpo com as linhas perfeitas (corpo longilíneo, magro, esguio), que gerarão artistas cenograficamente melhores, por possuírem esta predisposição corpórea. Diante de anos vivendo sobre esses padrões e estudando o oposto na universidade, percebi a necessidade de tirar as vendas dos olhos e buscar pontes que ligassem a dança com os corpos diferentes, corpos deficientes, corpos dantes excluídos desse processo artístico.

Como podemos perceber na fala de Rancière (2009) ao mencionar na partilha do sensível, a superfície dos signos que são como pinturas, assim como o movimento do corpo, movimento esse que se divide em duas linhas divergentes. “De um lado, há o movimento dos simulacros da cena, oferecido às identificações do público. De outro, o movimento autêntico, o movimento próprio dos corpos comunitários.” (2009, p. 18). Afim de discutir novas possibilidades nas produções artísticas de corpos por tempo segregados da arte, corpos esses que tinham na arte uma possibilidade terapêutica e jamais um espaço de valorização do indivíduo.

Ao olharmos para o corpo que pertencemos, podemos entender que nossa cena, que nossa produção artística é um reflexo do rio de nossas histórias, de nossos estudos, de nossa família, é um rio onde o que refletimos é o que somos, e mediante a isso não podemos nos encaixar em categorias ou moldes predispostos, já que cada um de nós carrega sua própria história, bem como aos corpos diferentes, corpos que possuem habilidades que só a eles é cabível reproduzir, habilidades que somente pertence a aqueles corpos, e quando digo o diferente é por preferir o não uso da palavra deficiente, entendo a importância política que esta possui, mas também entendo o quanto deficiente nos remete a erro, falha, incompletude, incapacidade, dentro muitos outros adjetivos que podem ser correlacionados por essa palavra, sendo assim recorro ao diferente, mas o diferente em termos fisiológicos, de estrutura corpórea, fala, comportamentos que os define, que os fazem únicos na cena, é isso que torna todo o processo único.

“A liberdade do corpo reside exatamente na sua habilidade de articular sua linguagem, ao invés de justificar sua inabilidade de registro.” (FERNANDES, p.3, 2006), e nisso nos concentramos ao olhar a dança da

diferença que eles de maneira única articulam suas individualidades como forma de linguagem.

E Daolio nos apresenta o princípio da alteridade, “[...] Antropologia o princípio da alteridade, permita considerar que todos os alunos, independentemente de suas diferenças, são iguais no direito à sua prática” (p.19, 1995). E é dentro dessa perspectiva que discorreremos, sobre a dança e suas múltiplas possibilidades nos corpos outros, corpos que são diferentes, que possuem um acesso terapêutico da arte.

CORPO E POÉTICA

É interessante compreendermos como a poética é reflexo do corpo ao qual ela pertence, como está diretamente relacionada com o que a pessoa é, costume pensar que somos acumuladores de histórias ao nos colocamos ou ao sermos colocados para performar, dançar livremente, recorreremos de imediato de forma consciente ou por vezes inconsciente as conexões do que somos com o que iremos encenar, dançar. E diante desse mar de memórias, histórias que formamos nossa cena e nossa poética, e aí está a singularidade do indivíduo e é nesta poética única que existe a possibilidade de nos aprofundarmos na dança da diferença, nos corpos diferentes que as produzem por vivenciarem formas únicas em dança.

E caminhando nesse sentido “Le Boulch, compreende que a expressão corporal permite ainda prosperar no abandono do verbalismo e reconduz a expressão ao nível do corpo vivido.” (1997, p. 69, apud ARAGÃO, p. 117). Recorrer as diversas vivências que esse corpo carrega, ou mesmo proporcionar experiências, possivelmente vivências dantes negadas a esse corpo diferente, visto como incapaz, limitado, acênico ou apoético, e mediante dessas novas vivências iniciar um processo de redescoberta do eu, quanto a expressão. O corpo que dança deve ter as suas possibilidades consideradas únicas, porque se faz própria na sua singularidade, ao qual se diferem de ser e estar no mundo.

Diante dessa singularidade do corpo, especialmente o corpo diferente, o corpo inabitual, é que resgatamos a palavra possibilidade, no sentido de que deve-se trocar as lentes limitadoras por possibilitadoras da arte,

do corpo em cena, do corpo que dança sua própria poética, sua própria dança, livre em produzir arte.

Como já falado anteriormente um corpo livre para ser o que é, ou mesmo livre para descobrir o que é, para se aceitar, para mudar e ser mudado, afinal todos vivemos neste processo de mudanças, e ao olharmos para traz percebemos que não somos os mesmos. “É o corpo percebido a partir de si mesmo. É o ser vivendo, expandindo, contraindo, acomodando, assimilando em uma reapropriação de sentir o corpo vivo em suas múltiplas relações com o espaço.” (SIVEIRO; FERREIRA, p. 172, 2018). É atrás deste corpo que é livre de amarras e camisas de forças, atrás desse corpo incapacitado que estamos, para que por meio da dança ele possa de forma livre ser o que é, corpo.

Entendendo esse corpo plural, vibrátil, e mutável, podemos entender nosso corpo que vive nessas entrelinhas e por consequência nossa poética também se apresenta nesse efêmero espaço.

Não existe uma predefinição do que pode produzir em arte, de quem pode ser artista, navegamos em rios desconhecidos, olhamos para os que por muito tempo foram incapacitados pelos outros, tentamos urgentemente dar vez e espaço aos que por anos foram apartados da dança, e quando a vivenciavam era de modo exclusivamente terapêutico e clínico, não negamos também o prazer e bem estar que sentimos ao dançar, que não deixa de ser terapêutico aos artistas, a quem o pratica, mas quando estamos tratando de dança com pessoas deficientes esse estigma passa a ser limitador, seria como colocar tal prática em uma caixa limitadora, precisamos entender como uma prática livre e independente, que promova um processo de empoderamento de quem a dança.

Mas estamos aqui desbravando o que por vezes foi segregado, navegando em meio ao novo, descobrindo as inúmeras possibilidades do outro e aprendendo com o outro, ver e sentir o outro sem desligar-se de si mesmo, pois conseguimos entender que dentro de cada um de nós existe um encanto que precisa ser explorado.

Somos diferentes isso é um fato, possuímos histórias diferentes, que formam vivências diferentes, produzindo artistas diferentes, mas o que sinto por vezes são pessoas tentando ser homogêneas, descartando o que não se adapta ou se encaixa bem. E nessa tentativa desenfreada de seguir um

padrão, de pertencer a uma categoria, descobriremos que estamos afogando o artista em nós e os artistas outros, na tentativa de pertencer. Quando que na verdade já pertencemos, pertencemos ao corpo que habitamos e nele podemos nos aventurar, nos descobrir, revelar o essencial em nós.

Compreendemos que a dança possui a capacidade estética de produzir uma poética única nas artes cênicas, afim de promover a liberdade ao artista nela. “Revela que o poder da expressão do movimento é traduzir, transmitir emoções, sensações e sentimentos, de forma que a dança é a única poética capaz de fazê-lo.” (Vianna, p.113)

Diante do que Viana (ano), nos mostra acredito que necessitamos ouvir o que as pessoas com deficiência têm a nos dizer, sentir suas emoções e sentimentos, deixando as amarras de lado e possibilitando uma conquista de vez e espaço na arte.

Diante deste discurso travado por mim, me encontrava perdida nos meus esforços de entender o eu artista e o corpo ao qual pertencia, e ao me debruçar na tentativa de promover uma “libertação” do corpo deficiente que foi segregado da arte, me descobri como corpo, me descobri artista em mim, e a partir dessa descoberta, pude perceber o quão adormecido pode estar um corpo, e o quanto ainda precisamos travar esse exercício de auto descoberta e mediante a esse ato o descobrir-se no outro.

PRINCIPIO DA ALTERIDADE NA DANÇA

Gosto de imaginar como seria nossas vidas se todos, exatamente todos partilhassem das mesmas coisas, gostos, hábitos, histórias, dai consigo imaginar a beleza que é ser e pertencer ao diferente.

O mundo é isso – revelou. – Um montão de gente, um mar de fogueirinhas.

Cada pessoa brilha com luz própria entre todas as outras. Não existe duas fogueiras iguais. Existem fogueiras grandes e fogueiras pequenas e fogueiras de todas as cores. (GALEANO, 2002 p.11)

No trecho deste verso, podemos entender o princípio da alteridade, que é essa variabilidade cultural, chamado por Daolio (1995), o que torna a humanidade diversificada em sua totalidade. A humanidade é portadora de

uma diversidade, o que torna especificamente suas manifestações culturais únicas, já que cada pessoa possui uma característica única, seja ela física, social, mental, cultural, podemos afirmar então que a medida que o corpo é único, sua prática passa a ser também.

Ainda nos valendo de Daolio que nos afirma “O que define corpo é o seu significado, o fato de ele ser produto da cultura, ser construído diferentemente por cada sociedade, e não as suas semelhanças biológicas universais.” (DAOLIO, p. 41, 1995). Reafirma assim nosso discurso de construção e percepção da dança da diferença onde todos, e neste caso tenho que expandir minha fala, tanto pessoas com deficiência ou não apresentam singularidades na sua dança, sua obra. Deixando de atender a uma parcela da sociedade, e passando a produzir um movimento autêntico, original e com significados a aquele corpo diferente, como fala Rancière (2005), já citado aqui.

Como podemos reconhecer o corpo e entender que é construído e reconstruído ao longo da vida a partir de vivências e experiências, “[...] é a partir desse corpo vibrátil e em constante mutação que o artista, em conflito com a nova realidade e com o antigo eu, sente-se forçado a um novo corpo, uma nova obra.” (SIVEIRO; FERREIRA, p. 177, 2018). Somos mudados o tempo todo pelo ambiente e pelo outro, nosso corpo apresenta esse potencial de transformação.

Sendo assim, a palavra-chave deste princípio é percepção, algo que nas artes se faz ou se deveria fazer mais sensível:

Assim, podemos dizer que, também, são pelas percepções e interpretações das informações processadas de dentro e fora do corpo, que podemos nos conhecer, nos entender e nos comunicar de diferentes formas com o outro, e em diferentes ambientes. (SIVEIRO; FERREIRA, p. 174, 2018).

E é nessa mutação, que podemos perceber e entender a alteridade por completo, onde podemos ver o outro e nos perceber no outro, bem como o inverso, diante da alteridade, não nos diferenciamos ou nivelamos de modo que aquele é melhor ou pior na sua produção artística, nos diferenciamos reconhecendo a singularidade de cada indivíduo, logo a singularidade das suas produções artísticas, que expressão o “eu-artista”, onde ele atinge a completa

expressão do seu ser, na sua obra, buscando a singularidade no movimento que o identifica como tal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo é inicial, ainda estamos neste processo de autodescobrimento e autopercepção, a partir deste processo que se iniciou paralelamente com o mestrado e com o início da pesquisa que envolve o mesmo, seguirei na linha dessa autodescoberta, entendendo quem sou como artista afim de me entender como corpo, me perceber como pessoa e partindo assim ao encontro do outro, de modo a provocar uma perturbação do estado de inercia ao qual o outro pode se encontrar, ou não, perceber meu corpo vibrátil que dança e provocar assim a vibração do outro na dança.

Os outros são os artistas deficientes, os artistas que não possuem uma geografia comum, que possuem uma visão diferente do mundo a que pertencem, que necessitam se descobrir como corpo pertencido e como este corpo produz arte, e como esta arte reverbera no cenário da dança.

Nosso discurso e estudo ainda está dando os primeiros passos, nessa discursão que além de artística, também se encontra no âmbito da política, como garantia do direito ao acesso e as produções em artes, e em específico a dança por todas as pessoas deficientes ou não.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Daolio, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

Cunha, Morgana. **Dance aprendendo-** aprenda dançando. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS; MEC/SESu/PROEDI, 1988.

Vianna, Klauss. **A dança**. São Paulo: Summus, 6º ed, 2005.

RANCIERE, J. **A partilha do sensível:** estética e política. São Paulo: EXO experimental org., ed. 34, 2005.

Fernandes, Ciane. **Como fazer Arte a partir do corpo?** Revista TFC, UFBA. Ed. 01, ano 03, 2006.

Siveiro, Evanize; Ferreira, Eliana. **Acessibilidade e Formação em dança**: reflexões sobre o corpo, alteridade, deficiência. *Repertório*, Salvador, ano 21, n. 31, 2018.2, p. 165-189.

Galeano, Eduardo; **O livro dos abraços**. 9ª ed., Porto Alegre, 2002.